

VISÃO DO CORREIO

Queimamos mais uma Alexandria

A Biblioteca de Alexandria foi, durante séculos, o maior repositório de conhecimento do mundo antigo. Quando ardeu — em circunstâncias ainda disputadas pelos historiadores —, levou consigo obras que nunca foram recuperadas, pesquisas que nunca foram refeitas, saberes que simplesmente deixaram de existir. A humanidade ficou mais pobre de uma forma que jamais conseguiu mensurar com precisão. O incêndio que destruiu laboratórios da Universidade Federal de Pernambuco na noite de quarta-feira não tem a mesma escala. Mas tem a mesma lógica. O prejuízo estimado é de R\$ 100 milhões em equipamentos e infraestrutura. São 80 dissertações e teses de doutorado perdidas, dados de 20 anos de pesquisa em fármacos, genética e informática que não existem mais. Esse tipo de perda não tem conserto, não tem seguro e não tem valor calculável.

Não é a primeira vez. Em 2018, o incêndio do Museu Nacional no Rio de Janeiro destruiu 20 milhões de itens do maior acervo de história natural da América Latina. A causa daquele desastre foi a combinação de abandono crônico, infraestrutura degradada e anos de investimento insuficiente. O prédio tinha problemas elétricos conhecidos, fiação antiga e sem manutenção adequada. Ninguém foi preso. Ninguém foi responsabilizado de forma efetiva. E o museu segue em reconstrução parcial oito anos depois. A UFPE não é o Museu Nacional, mas o padrão é familiar: instituições públicas de conhecimento operando no limite do que a negligência permite antes do colapso.

O que torna o caso da UFPE ainda mais grave é a sequência. Esse foi o terceiro

incêndio no campus de Recife em menos de duas semanas. No dia 30 de setembro, chamas atingiram o Laboratório de Óptica Não Linear. No domingo seguinte, foi o Laboratório de Citogenética e Evolução Vegetal. Três incêndios em oito dias numa mesma universidade, em um conjunto de fatos que exige investigação rigorosa, séria e sem conclusões antecipadas.

A Polícia Federal instaurou inquérito para apurar as circunstâncias e causas prováveis. Há relatos de que uma ameaça foi feita contra a universidade após um ato político realizado no campus, e esse elemento faz parte do que precisa ser investigado, com a mesma seriedade e isenção aplicada a qualquer outra linha de investigação. Antes da perícia, porém, qualquer conclusão sobre a causa é especulação.

O Brasil tem uma relação antiga e dolorosa com a destruição do próprio patrimônio intelectual. Queimamos bibliotecas por descaso, por falta de verba, por ausência de política de preservação. Às vezes por outras razões, o que a investigação dirá. O que permanece constante, independentemente da causa imediata de cada desastre, é o ambiente que os torna possíveis: universidades com restrições orçamentárias, laboratórios com infraestrutura precária, pesquisa tratada como despesa supérflua em vez de investimento estratégico. Enquanto a educação e a ciência não forem tratadas como prioridade real, com orçamento, com política de longo prazo, com a seriedade que o tema exige, continuaremos assistindo a novas Alexandrias queimando. E lamentando, depois, o que não pode ser recuperado.



ROBERTO FONSECA
robertofonseca.df@dabr.com.br

Reeleição ou mandato maior?

Líder no primeiro turno, o senador Flávio Bolsonaro (PL) defende há dois dias o fim da reeleição para cargos no Executivo. Ontem, sinalizou que, confirmado o favoritismo na disputa pelo Palácio do Planalto, pretende aplicar a mudança a um eventual governo dele. O modelo é adotado no Brasil desde a disputa eleitoral de 1998 e, sem dúvida, considero bastante válido, sim, três décadas depois o Congresso voltar a discutir o assunto com profundidade.

A literatura da ciência política mostra que quem busca um segundo mandato parte de uma posição privilegiada. Está mais exposto, dispõe da estrutura administrativa e tem mais condições de influenciar a agenda pública. A disputa pela permanência no cargo também pode contaminar as decisões econômicas. Em ano eleitoral, cresce a pressão por medidas de apelo popular, enquanto o custo do desequilíbrio fiscal e da inflação costuma ficar para o governo seguinte. Não por acaso, ajustes nas contas públicas e cortes de despesas costumam aparecer logo no primeiro ano de uma nova gestão.

Há argumentos do outro lado. A reeleição permite que o eleitor premie ou puna um governante pelo que ele fez e, em tese, dá tempo para amadurecer projetos que exigem mais de quatro anos. O problema é que a próxima eleição começa cedo demais. Na segunda metade do mandato, muitas decisões passam a ser tomadas sob a lógica da campanha. O planejamento de longo prazo perde espaço.

México, Coreia do Sul e Chile são exemplos de países que não permitem a recondução imediata ao cargo. São experiências diferentes entre si e não podem ser simplesmente transplantadas para o Brasil. Servem, porém, para mostrar que a alternância no poder dá para ser incorporada ao desenho institucional sem produzir, por si só, uma

crise de governabilidade.

Se o Congresso realmente for mexer na regra, há outra questão que precisa entrar na conversa: o calendário das eleições legislativas. Tramita no Senado a PEC 12/2022, que prevê mandatos de cinco anos e a coincidência das eleições para presidente e parlamentares. Outra possibilidade seria separar as disputas e realizar eleições para o Legislativo no meio do mandato presidencial, como ocorre nas chamadas midterms dos Estados Unidos.

A ideia tem uma vantagem evidente. No meio do mandato, o eleitor teria a oportunidade de avaliar o governo e renovar, ou não, sua representação no Congresso. Isso criaria um mecanismo adicional de controle sobre o Executivo. Mas o modelo americano também mostra o outro lado da moeda. As eleições intermediárias frequentemente impõem derrotas ao partido do presidente. No Brasil, onde o presidencialismo já depende de coalizões amplas e de um Congresso bastante fragmentado, isso poderia dificultar ainda mais a aprovação de projetos. Manter as eleições juntas, por sua vez, tende a reduzir custos e favorece a formação de maiorias parlamentares alinhadas ao resultado presidencial.

Um mandato único de cinco anos para presidente me parece uma alternativa melhor do que o modelo atual. O eleito teria tempo suficiente para executar seu programa e não precisaria dividir a gestão com a preocupação de construir uma nova candidatura. A regra poderia valer também para governadores e prefeitos.

A transição, claro, teria de ser planejada com cuidado. Seria necessário definir como ficariam os mandatos em curso, ajustar o calendário eleitoral e evitar conflitos jurídicos. Não é uma mudança simples. Mas justamente por mexer em uma das engrenagens centrais da democracia, merece ser discutida sem pressa e sem cálculo eleitoral imediato.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. **E-mail:** sredat.df@dabr.com.br. O **Correio** reserva-se o direito de resumir os textos enviados.

Respeito à Constituição

A Constituição existe para limitar governantes, não para ser moldada por eles. Por isso, assusta quando candidatos insinuam em fazer mudanças na Carta Magna e, diante da reação negativa, tratam o recuo como simples mal-entendido. Hoje, são alterações “pontuais”. Amanhã, quem garante? As reformas podem até ser necessárias, porém o que não é aceitável é a ideia de que a Constituição deva se adaptar aos desejos de quem pretende ocupar o poder. Em um país que mal consegue cumprir suas leis, talvez o desafio mais urgente não seja mudar a Constituição, mas respeitá-la. Uma democracia forte não depende de líderes fortes. Depende de instituições que nenhum líder consiga dobrar.

» **Pacelli M. Zahler**
Sudoeste

Ser nordestino

Ser nordestino é ser diferente. 8 de outubro é o Dia do Nordeste. O povo do Nordeste vai à luta no seu torrão ou fora dele. O Nordeste do qual faço parte lá de Campo Maior, no meu sofrido e lindo Piauí, completa-se por milhares de municípios e habitantes, trabalhadores, humildes, solidários e de caráter. Ser nordestino não é se submeter a migalhas, mas, sim, ao trampo. Ser nordestino é ter, é falar seu dialeto próprio. Ser nordestino é nunca ser comparado, humilhado ou enxotado. Ser nordestino é se vangloriar do pouco que tem e ainda ajudar o próximo. Ser nordestino é ter orgulho de ir procurar uma melhoria em outro local pois nunca se inferioriza. Ser nordestino é nunca perder as raízes. É ser orgulhoso da sua terra amada, sofrida e teimosa. Obrigado meu Nordeste, pois estou longe de ti, mas bem pertinho do teu coração. Amo meu Nordeste.

» **José Monte Aragão**
Sobradinho

Crise fiscal

Infelizmente, o governo Lula não tem uma política fiscal, e, sim, uma política de arrecadação. A ideologia petista está penalizando o trabalhador brasileiro, que é quem paga impostos. As classes mais abastadas sempre vão pagar menos impostos. Isso é um fato histórico. A questão do ajuste fiscal é uma coisa que tem que acontecer agora. E não depois das eleições!

» **Carlos Alberto do Nascimento**
Brasília

» correiobraziliense.com.br

ARTIGO

No artigo *Quando o Tesouro e Wall Street dizem a mesma coisa*, Ricardo Rocha, economista e professor de finanças do Insper, analisa como o risco brasileiro está sendo percebido dentro e fora do país a partir do conteúdo de dois relatórios técnicos recentemente divulgados. Confira no site do **Correio**

BLOCO DE NOTAS

O jornalista Carlos Alexandre de Souza comenta a investida do presidente Luiz Inácio Lula da Silva nas redes sociais, com uma campanha focada em uma maior aproximação com o eleitorado, e como o adversário do petista nas eleições, Flávio Bolsonaro, tem justificado a sua proposta de mudar a Constituição Federal.

Aponte a câmera e confira o vídeo na íntegra



Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

O que é a soberba, hein? Ruas manda para rua o ex-prefeito da cidade maravilhosa do Rio de Janeiro!

Jadír Maia de Almeida — Guará I

Eleito senador por Mato Grosso, Mauro Mendes defende a jornada diária de até 16 horas. Alguém precisa avisá-lo de que a Lei Áurea foi sancionada em 13 de maio de 1888.

Abrahão F. do Nascimento — Águas Claras

Bateu dúvida: se Flávio Bolsonaro tiver direito a nomear quatro ministros do Supremo Tribunal Federal, por que ele vai querer reformar o Judiciário?

Juliana Barbosa — Brasília

Cerrado perdeu quase 14 milhões de hectares de vegetação nativa perto dos rios: depois reclamam que não chove ou dá enchente!

Yara Barros — Brasília

No Dia das Crianças, deem livros junto com um brinquedo. Livro é viajar para sair do lugar! A leitura é uma porta aberta para um mundo de descobertas sem fim...

José R. Pinheiro Filho — Asa Norte

Erramos

Na matéria *Meta do MEC é ampliar o ensino em tempo integral*, publicada na editoria de Brasil, página 6, da edição desta quinta-feira (8/10), saiu publicado que “apenas na educação, entre 2016 e 2022, o ministério perdeu mais de R\$ 10 bilhões”. Na verdade, são R\$ 120 bilhões.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*	
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM	
			R\$ 1.187,88	
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)	
Assine				
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp				
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.				
Anuncie				
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp				
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp				
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp				

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2586 Whatsapp.

ANJ WZ
associação de jornais

Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A. Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS 

D.A. Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias: SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/sábados, das 14h às 21h/domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1588.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br